

# **Um *Index* dos manuscritos da Biblioteca Real de D. João V no Paço da Ribeira: MS 1 018 da Biblioteca Geral da Universidade da Coimbra**

## **An Index of the Manuscripts in the Royal Library of Dom João V at the Paço da Ribeira: MS 1 018 preserved in the General Library, University of Coimbra**

Angela Delaforce<sup>1</sup>

A. E. Maia do Amaral<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Tratamos neste artigo de um importante códice da BGUC, o único rascunho hoje conhecido do catálogo dos manuscritos que pertenceram à Biblioteca Real do Paço da Ribeira, em Lisboa, no tempo de D. João V (reg. 1706-1750). A Biblioteca Real foi destruída no terramoto de 1755.

---

1 Investigadora. <https://orcid.org/0000-0001-5551-7259>

2 Bibliotecário na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0003-2668-0879>; [aemaia@bg.uc.pt](mailto:aemaia@bg.uc.pt)

Neste trabalho, examinamos detalhadamente o MS 1 018 dos pontos de vista histórico, codicológico e bibliográfico. Concluímos que foi um trabalho bem coordenado, realizado a quatro mãos, entre 1738 e 1742. Não lográmos identificar os nomes dos bibliotecários individuais que produziram o códice nem a partir dele reconstituir a organização/topografia da Biblioteca. Sabe-se que o volume veio para a biblioteca da *Academia Liturgica Conimbricense* (1747-1767), sediada no Mosteiro de Santa Cruz, mas necessitaremos de investigação adicional para perceber quando e porquê.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Biblioteca Real, Portugal; Catálogo de autores e de obras anónimas, 1738-1742; Igreja Católica. Papa, 1740-1758 (Bento XIV); Portugal. Rei, 1706-1750 (João V); Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, manuscritos.

### **ABSTRACT**

This manuscript, preserved in the General Library of the University of Coimbra, is significant for being the only catalogue which has been traced to date of the collection of manuscripts in the magnificent Royal Library of the Paço da Ribeira in Lisbon, created by the Braganza monarch Dom João V (*reg.* 1706-1750). The library sited on the lower *piano nobile* of the "Torreão", was destroyed in the earthquake of 1755. The article examines the history and content of this important document, as well as giving a detailed technical analysis. We have concluded that MS 1 018 was compiled between around 1738 and 1742 by four different hands according to a well co-ordinated system. We have not been able to identify the individual royal librarians who were involved in writing the entries, nor to use the system they devised to re-construct the overall organisation of the Royal Library. The manuscript is known to have entered the library of the *Academia Liturgica Conimbricense* (1747-1767), housed at the monastery of Santa Cruz, but further research is still needed to clarify when and why this happened.

### **KEYWORDS**

Portugal. King, 1706-1750 (John V); Roman Catholic Church. Pope, 1740-1758 (Benedict XIV); Royal Library of Portugal; University of Coimbra. General Library, manuscripts; Authors catalogue, 1738-1742

Qualquer grande biblioteca com uma história centenária e fundos diversificados é um lugar de frequentes descobertas, que são como um fermento da vida dos investigadores.

Procurando elementos para o conhecimento da Biblioteca Real que se perdeu com o terramoto de 1755, um dos autores deste artigo identificou, em 2018, o BGUC MS 1 018 como referindo-se à biblioteca e ao tempo de D. João V. O título do códice, *Index dos Manuscriptos da Livraria do Rey de Portugal* não era enigmático nem enganador, antes era claríssimo; no entanto, até 2019, nunca o documento tinha sido referido em qualquer trabalho diretamente relacionado com a Biblioteca Real, em Lisboa<sup>3</sup>.



Georg Gottfried Winckler, *Vista y Prospettiva del Palacio del Rey de Portugal, en Lisboa*, gravura aguarelada (30x42 cm), edição de A.V. [Augustae Vindelicorum, i. é, Augsburg] : Georg B. Probst, [s.d.]. A Biblioteca Real ocupava o Torreão poente do paço.  
Cota NC-1217. Foto BGUC

3 O MS 1 018 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra já tinha sido usado por Ana Isabel Buescu no seu estudo BUESCU 2010. Mais recentemente, este importante manuscrito do século XVIII foi estudado por Angela Delaforce, que a ele recorreu repetidamente ao longo do seu trabalho sobre a biblioteca reunida por D. João V de Bragança e dele fez uma detalhada análise no *Appendix 3* (DELAFORCE 2019, pp. 284-285).

## O manuscrito

O documento que nos ocupará aqui é o resultado da encadernação de 18 cadernos (ou partes deles<sup>4</sup>) preenchidos por quatro mãos diferentes, adiante identificadas por A, B, C e D.

O encadernador guiou-se por uma discreta numeração no canto superior direito da folha inicial de cada caderno<sup>5</sup> e aparentemente manuscrita por cada um dos escreventes de cada um deles. Isto indicaria que os vários amanuenses estavam articulados entre si, trabalhando a várias mãos para constituir um códice numa ordem pré-definida. O mesmo parece confirmado pela ocorrência da palavra "*Manuscriptos*" escrita por extenso no topo da primeira folha do primeiro caderno, enquanto nos cadernos subsequentes a menção se abrevia para "*M.S.*" (sempre na folha inicial) com exceção dos cadernos 4º, 6º, 8º e 9º, que nada têm. Modernamente, todo o MS 1 018 foi renumerado a lápis<sup>6</sup>, como aconteceu com a generalidade dos manuscritos da BGUC.

Os papéis que constituem o códice são de quatro fabricos, com diferentes marcas-de-água: os escreventes A e B utilizam os papéis 1 e 2, enquanto o escrevente C usa exclusivamente o papel 3, que nenhum dos outros utiliza. O último (e insólito) caderno 18, de que resta um único bifólio (f. 166 e 177), é do papel 4 e de uma mão insuficientemente caracterizada, que nomeámos D. Parece, pois, haver correlação entre os autores e os papéis usados, como se a cada um tivessem sido distribuídas resmas com origens diferentes. Ver **Anexo 1**, no final.

Infelizmente, os papéis usados revelaram-se comuns e de produção demasiado prolongada para permitirem precisões cronológicas

---

4 O 1º caderno tem 16 f., todos os outros têm 10 folhas com exceção do 18º e último que está incompleto e que apresenta apenas um bifólio (composto pela f. 166, em branco, e pela f. 177); estariam as restantes folhas deste caderno em branco e por isso foram excluídas da encadernação?

5 Visível a folhas 1, 16, 26, 36, 46, 56, 66, 76, 86, 96, 106, 116, 126, 136, 146, 156, 167 e 177.

6 F. 1 a 177, com a anomalia de uma folha numerada 3A.

que relevem para a datação do manuscrito. Os papéis 1 e 2 são claramente fabricados em Itália para o mercado português, pois à fábrica da Lousã faltaria capacidade para abastecer todo o mercado do reino e das colónias. Os papéis 3 e 4 não foram identificados.

O *Index dos Manuscritos* conserva a encadernação original do século dezoito, inteira de couro simples com entrenervos dourados e um rótulo vermelho na lombada com a legenda “MANUS/CRIPT” a ouro. O título dado ao manuscrito foi-lhe atribuído e caligrafado no momento da encadernação, inscrito sobre folha de papel idêntico ao das guardas.



Lombada do MS 1 018, com sete nervos e rótulo MANUS/CRIPT dourado na segunda casa. Foto BGUC

## Proveniência do códice

A primeira folha de guarda ostenta uma marca de posse que diz “*Da Academia*”. Outros volumes da BGUC com marcas semelhantes “*Da Academia*” e “*Da Academia Pontificia*” (algumas da mesma mão, ver **Anexo 2**) permitem garantir que se trata da biblioteca da *Academia Litúrgica Pontificia dos Sagrados Ritos e História Eclesiástica*, sediada (1747-1767) no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

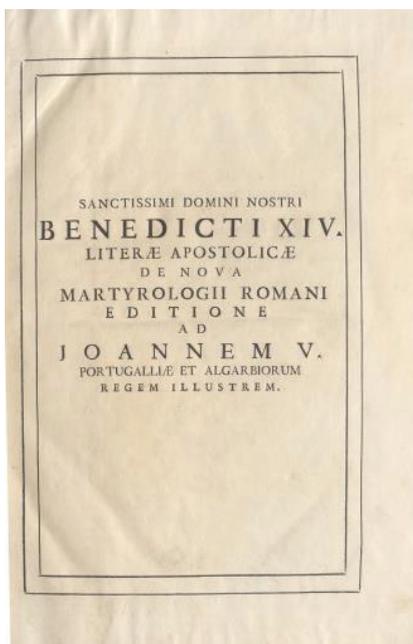


Charles Thurston Thompson, Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra, em setembro de 1866, prova em albumina. Mostra parte da ala (demolida) da biblioteca da Academia Pontifícia. Cota R-69-16 A. Foto BGUC

A última década do reinado de D. João V é definida pelas relações entre Portugal e a Santa Sé, sobretudo com o intelectual Prospero Lambertini, eleito como Papa Bento XIV (*reg.* 1740-1758), um dos homens mais cultos do seu tempo, também conhecido pelas suas reformas da liturgia. Em junho de 1742, os presentes luxuosos do rei português ao papa incluíram um cálice de ouro, decorado com lápis-lazuli e cristal de rocha, executado por Francesco Giardoni, em Roma. Logo em dezembro de 1745, a Coroa portuguesa contribuiu magnanimamente para as obras da basílica de S. Pedro<sup>7</sup>. Reciprocando, Bento XIV fundou em Coimbra, em 22 de junho de 1747, a Academia Litúrgica Pontifícia dos Sagrados Ritos e História Eclesiás-

<sup>7</sup> MORELLI 1965, pp. 152, 387-388; DELAFORCE 2002, pp. 167-175 e fig. 70.

tica (ou *Academia Liturgica Conimbricense*), que fez alojar no Colégio dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, no velho mosteiro de Santa Cruz, fundado em 1131. O papa continuou a apoiar e proteger a Academia, dando-lhe presentes, manuscritos e livros<sup>8</sup>. Em 1748, D. João V respondeu com o patrocínio de uma nova e magnífica edição de uma obra da estimação do papa, os seus *Martyrologii Romani* (Roma, 1748), dedicados ao Rei de Portugal. Em dezembro de 1748, estas cortesias diplomáticas terminam com a atribuição pelo papa, ao rei e a todos os seus sucessores, do título de *Rex Fidelissimus*, em reconhecimento pelos muitos anos de contribuições reais para a Igreja Romana. D. João V morreu dezanove meses mais tarde, a 30 de julho de 1750.



Prospero Lambertini (Papa Bento XIV), *Martyrologii Romani* (Roma, 1748) com a dedicatória a D. João V, Rei de Portugal e dos Algarves. Cota 1-14-18-397. Foto BGUC

8 Pelo menos um manuscrito (autógrafo?) da sua autoria foi oferecido à biblioteca crúzia e encontra-se hoje na BGUC, onde tem a cota MS 1 461. A ele se referem Joaquim Martins de Carvalho (CARVALHO 1894, p. 325-326) e J. M. Teixeira de Carvalho, (CARVALHO 1921, p. XV e nota 1).



Guillaume François Laurent Debrie, pormenor do frontispício gravado para: Manuel da Cunha, *Relação das Exéquias que pela Alma do Fidelíssimo Senhor Rey D. João V celebrou na Santa Cathedral de Viseu* (Lisboa, 1751). Detalhe do monumento funerário coroado pela Fama e pelas Virtudes Cardeais da Fé e da Esperança. Cota 1-15-13-252. Foto BGUC

Os “pertences” nas obras da biblioteca visavam distinguir (do ponto de vista da posse) estes livros dos das outras bibliotecas de Santa Cruz (a do Mosteiro, a do Noviciado e a da Botica), pois não parece ter existido uma distinção física entre esta Biblioteca e a(s) do Mosteiro, apesar da separação prevista nos *Statuta* da Academia Litúrgica<sup>9</sup>. Quando D. Pedro da Encarnação (1729-após 1803), bibliotecário de Sta. Cruz de Coimbra, fala dos livros que vieram de Roma, em 1750, por troca com as *Obras* de Bento XIV (impressas e pagas pela Academia Conimbricense) entende-se que eles ficaram na biblioteca geral da Congregação:

*e foy necessário accomoda-los pelo meyo da Livraria sobre bancos.*<sup>10</sup>

<sup>9</sup> CABECINHAS 2009, p. 157.

<sup>10</sup> Apontamento de D. Pedro da Encarnação, citado por CARVALHO 1921, p. IX.

Na Livraria do Mosteiro conservou-se também, até à sua extinção, um busto em mármore do Papa Bento XIV, com o qual os monges quiseram homenagear a criação da Academia<sup>11</sup>. Está hoje nas reservas do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra.



Prospero Lambertini (Papa Bento XIV), artista desconhecido, mármore (alt. 86 x larg. 65 x prof. 35 cm) que pertenceu ao Mosteiro da Santa Cruz de Coimbra e agora no Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra. Inv. 15.036. Foto Arquivo do MNMC

A proximidade entre estas bibliotecas também é evidente noutro manuscrito da BGUC, o MS 1 815: de um lado, contém as *Atas* das sessões da Academia Litúrgica Pontifícia (apenas de 1758 a 1761) e do outro, em *tête-bêche*, um elenco das *Dissertações* (1758-1764) proferidas na mesma Academia. Muitas das páginas interiores são ocupadas com dois róis de entradas de livros na biblioteca dos crúzios, sem datas<sup>12</sup>; Esta reutilização para listas de compras parece-nos um aproveitamento de papel, significativo de que o volume com

11 CARVALHO 1921, p. XIII-XIV.

12 Um deles sendo bibliotecário D. Manuel [*sic*, por Pedro] da Encarnação (bibliotecário em 1747-1778 e 1783-1798) e outro referente ao período de D. José de Avé-Maria, bibliotecário em 1806.

muitas folhas em branco estava à mão dos Crúzios, sem uso (depois de 1767), provavelmente na sua Livraria.

A Academia focava-se no estudo da história da liturgia cristã em geral e hispânica, em particular, e foi encerrada vinte anos mais tarde por Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. Cremos que terá sido na sua qualidade de elenco das fontes existentes na Biblioteca Real sobre o cerimonial e a liturgia Romana que se tenha justificado o ingresso deste manuscrito na biblioteca da Academia, em Coimbra. A ser assim, tal ingresso só pode ter ocorrido entre 1747 (criação da Academia) e 1755 (terramoto), já que nos parece evidente que - depois da destruição do acervo da Biblioteca Real - um tal catálogo teria perdido todo o interesse, enquanto obra de referência.

Da mesma forma como este volume (rascunho de catálogo) veio para Coimbra, possivelmente outros vieram. É o que podemos deduzir desta frase de J. M. Teixeira de Carvalho, quando inventaria as edições quinhentistas conhecidas do *“Livro das Constituições e costumes que se guardam em o moesteiro [sic] de Santa Cruz de Coimbra...”*:

*O único exemplar de que acho notícia certa [da edição de 1532], existia antes do terramoto na livraria real de el-rei D. João V, segundo **os apontamentos manuscritos que vi** do respectivo bibliotecário o P. José Caetano de Almeida<sup>13</sup>.*

Ao papel deste Padre José Caetano de Almeida nos referiremos adiante. Infelizmente, o Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Quim Martins) nada mais nos diz sobre os “apontamentos manuscritos” que viu, ou sobre o local onde os consultou. Em Coimbra, ele foi das personalidades mais marcantes da sua época, um portentoso erudito, cujo alcance de conhecimentos não cessa de nos surpreender. Conhecia todas as livrarias públicas e particulares da cidade, sendo

---

13 CARVALHO 1921, p. 39. Sublinhado nosso.

ele próprio um bibliófilo. Esta fonte que Quim Martins conheceu e consultou na segunda década do século vinte<sup>14</sup> tem de dar-se hoje por perdida; mas, se voltasse a ver a luz do dia, acrescentaria certamente ao conhecimento da Biblioteca Real mais um precioso “catálogo”<sup>15</sup>, agora referindo os notáveis impressos que aí existiram.

Uma etiqueta na lombada do *Index* ostenta o número “11” (ou “II”?) impresso dentro de um retângulo. Nos fundos da BGUC, apenas identificámos uma outra obra com uma etiqueta semelhante, exactamente o MS 1 815 da *Academia Conimbricense* atrás referido, com a etiqueta número “7”. Este deve ser, portanto, um número sequencial atribuído a volumes manuscritos já na biblioteca da Academia Litúrgica Pontifícia, em Coimbra, que nenhuma relação terá com as colocações dos documentos na Biblioteca Real<sup>16</sup>.



Etiqueta de papel com o número “11”, colada na lombada do MS 1 018. Foto BGUC

14 O original deste volume foi publicado em artigos no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, entre 1914 e 1916.

15 No entanto, existem nos BGUC MS 633 (f. 161-169v) e BGUC MS 677 (f. 343-347, numer. nova 320-324v), também do período Joanino, pequenos róis ou fragmentos de catálogos de impressos e de manuscritos adquiridos para a Biblioteca Real.

16 Contudo, o manuscrito de Lambertini, oferecido a Santa Cruz (ou à Academia?) pelo futuro Papa (ver nota 6 atrás) não tem qualquer etiqueta reconhecível na lombada, conservando apenas vestígios de outrora ter tido uma.



Etiqueta de papel com o número “7”, colada na lombada do MS 1 815. Foto BGUC

Esta Academia ainda não foi convenientemente estudada<sup>17</sup>, mas a lista dos seus sócios inclui alguns dos mais proeminentes religiosos da época e muitos dos eruditos membros da Academia Real da História Portuguesa, fundada em Lisboa por D. João V, em 1720. Dada a raridade do folheto *Catálogo dos sócios d’Academia Liturgica Pontificia*, transcrevemo-lo integralmente no **Anexo 3**. Qualquer destas pessoas pode ter estado na origem do ingresso do códice na biblioteca conimbricense.

### Forma e data da constituição do códice

Não parece existir uma ordem ou sistema nas entradas do MS 1 018, que não se organizam por assunto, nem por formato, por data ou por língua. As obras parece terem sido inscritas aqui

---

17 Além de CABECINHAS 2010, existe apenas um estudo sobre a sua tipografia própria (CARVALHO 1868) que J. M. Teixeira de Carvalho classifica de “*muito transcrito e muito cheio de inexatidões*” (CARVALHO 1921, p. 5).

de forma corrida e rápida, portanto num curto período de tempo, rapidez que a partilha de trabalho entre vários escreventes também visaria. Conhecemos através de outras fontes as datas de aquisição, muito estendidas no tempo, de alguns dos manuscritos mais notáveis do Rei. Este borrão não pode ter demorado a executar as dezenas de anos que medeiam entre essas aquisições, pelo que só poderá corresponder a uma das (várias) tentativas de catalogação do acervo joanino. Trabalhos de catalogação da Biblioteca Real estão documentados em abril de 1722 e, de novo, em 1724. Em 1731 e 1733, as ocupações catalográficas de Martinho de Mendonça de Pina e Proença também são registadas no *Diário* do Conde da Ericeira<sup>18</sup>, mas pouca informação existe ainda disponível sobre o trabalho dos bibliotecários do Rei, certamente mais contínuo do que as pontuais notícias de que dispomos.

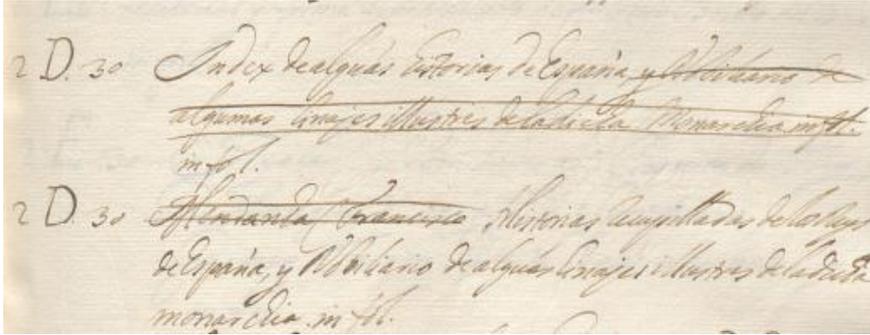
O nível muito conciso de descrição dos espécimes não permite perceber se descrições idênticas correspondem a repetições da mesma obra ou a documentos diferentes com conteúdos semelhantes. Com uma exceção: no caderno 1 existem 6 folhas de uma única mão (da mão B, que não volta a escrever noutro ponto do códice) e percebe-se bem que quase todas as entradas<sup>19</sup> desta parte se encontram repetidas noutras partes do *Index*, com as mesmas “cotas”. O grosso destas descrições repetidas refere-se a Conclaves, história romana e cerimoniais diversos, mas não só. Esta anomalia pode explicar-se por um aproveitamento posterior, como papel em branco, das 6 folhas do 1º caderno (que é, como dissemos, maior que os outros) oportunisticamente usadas para inventariar uma entrada de um lote de manuscritos, ou de um certo número de caixotes.

---

18 MENESES 1943, pp. 72, 177.

19 Examinadas por amostragem as folhas 10-11v desta mão, apenas duas das descrições não conseguimos encontrar noutros locais: *Directorium chori pro Cantoribus* (i.F.30 na f. 10) e *Sylua / Phelippe / Colleção de decretos, e sessoens de Cons. Rom. de 1723 fl.* (3.H.30 na f. 10v).

Os 4 (ou 3?) intervenientes no manuscrito têm diferentes caligrafias e distintas competências linguísticas. Registam-se poucas interrupções, mudanças de ritmo da escrita ou de tinta (f. 78), dentro da mesma mão. Há vários erros que parecem ser de cópia, prontamente corrigidos.



Erro de cópia (salto de linha) à f. 57 do MS 1 018. Foto BGUC

A mão A é mais floreada; não conhece a língua grega (f.21<sup>20</sup>) nem a hebraica (f.38) nem a árabe (f.56, 57), mas tem competência bibliográfica<sup>21</sup>. No início, este escrevente tem dificuldades com o estabelecimento dos critérios<sup>22</sup> e com as “cotas”: a ordenação do que chamamos “cotas” dos livros começou nesta mão com um critério fluido, por “A.30” (ou A3 por erro) e depois da f. 3 estabiliza na indicação “A.B.30” e depois em “1.B.30”, notação que serve de ponto de partida para a estrutura do restante volume.

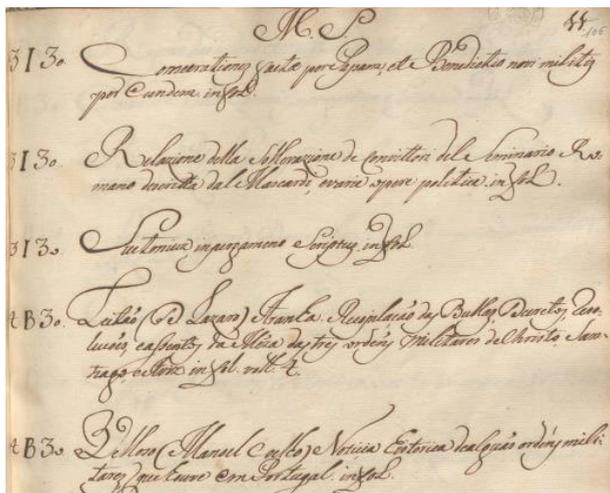
20 Mas esta descrição sua levanta-nos alguma dúvida “Perguntas, Re[s]postas de Prodomo, escritas em língua grega” (1.H.30 na f. 36).

21 Numa obra acrescenta “de letra antiga, que parece original” (A.30 na f. 1), noutra arrisca “Supponho ser obra de Antonio de Castro” (1,1,30 na f. 41) ou “parece ser obra de João de Mena” (3.G.30 na f. 95).

22 No início (f. 2), os 2 volumes de um Tito Lívio “de letra antiga” são inscritos em 2 linhas enquanto ao longo do catálogo as entradas se farão sempre numa única entrada pelo título da obra, com adição do número de volumes no final.



não podemos perceber o seu domínio destes idiomas. No entanto, é pessoa bibliograficamente competente, representando com traço horizontal (ao modo das bibliografias impressas) o mesmo nome em entradas sucessivas<sup>23</sup> e deixando observações sobre possíveis identificações dos códices que descreve<sup>24</sup>.



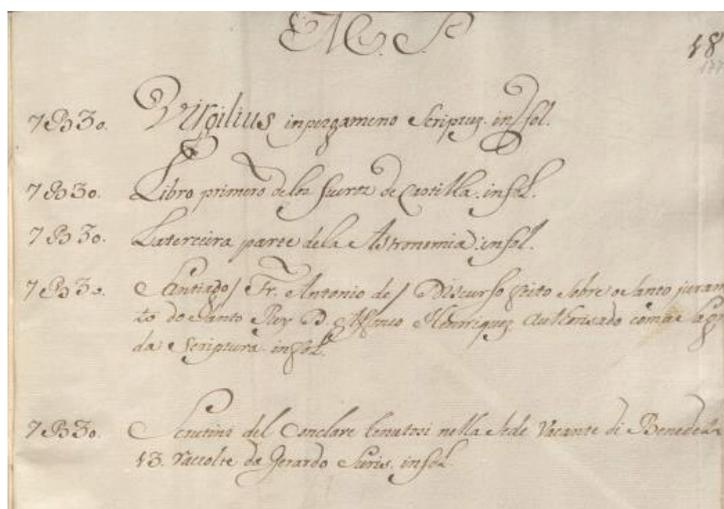
Exemplo da caligrafia da Mão C (f. 106 MS 1 018). Foto BGUC

A última folha (e única deste caderno) mostra semelhanças com a mão C, porém com distinta grafia do “M” inicial e dos “B” nas “cotas”; será do mesmo escrevente C (mas em época posterior) ou será mesmo de um quarto amanuense? Optámos por distingui-lo como o escrevente D. É nesta folha que ocorre a obra mais tardia de todo o catálogo (1742). Para validar a ideia de que o códice reuniu cadernos produzidos individualmente por diferentes inventariantes e previstos para figurarem numa ordem precisa, fizemos um levantamento dos *termina post quem* de cada Caderno, assinalando as datas atribuídas aos documentos (ou a mais recente mencionada nos seus conteú-

<sup>23</sup> F. 106-108, 142, 162-164, 168, etc.

<sup>24</sup> “Pareçeme a obra de Hugo Grocio” (f. 127), ou “...o que tudo parece obra de algũ Senhor da Casa de Bragança” (f. 98) ou “...poderá ser feito por Antonio de Castro” (f. 112).

dos) apesar de serem poucas as entradas que as têm. Este exercício evidenciou que todos os inventariantes registam tanto obras antigas como obras recentes, num padrão de distribuição muito semelhante. Pareceu-nos dispensável sobrecarregar o artigo com esta informação. Registe-se apenas que o primeiro caderno (mãos A e B) tem o seu *terminus post quem* em 1739, que a data mais recente que ocorre nos restantes cadernos da mão A é 1740 e que nos cadernos 10º a 17º (mão C) a data mais recente registada é 1738. No caderno 18º, a última data é 1742. Sem excluir a possibilidade de ter sido simultânea, a escrituração dos cadernos separados pode ter sido sequencial, entre 1738 e 1742.



Exemplo da caligrafia da Mão D (f. 177 MS 1 018). Foto BGUC

## As “cotas” da Biblioteca Real?

Cada um dos documentos é precedido daquilo que, por facilidade, temos vindo a chamar “cota”, uma notação constituída por um algarismo, uma letra e o número 30, que se repete em todas elas:

algarismo . letra . 30

Era muito tentador perceber se estas “cotas” poderiam ser usadas para reconstituir a organização física da Biblioteca Real de D. João V, cujo aspeto geral não conhecemos. Como todas as bibliotecas “iluministas”, era certamente organizada de forma classificada, ou “metódica”, como então se dizia. Aliás, uma tentativa de catálogo já tinha sido dividida dessa forma “metódica” entre um grupo de notáveis, em 1724<sup>25</sup>.



Olivarius Cor, gravura sobre desenho de Inácio de Oliveira Bernardes, *Magnes Sinicus Regis Portugalliae* [magnete chinês do Rei de Portugal], montado em Lisboa para D. João V, por William Dugood, FRS, entre 1744 e 1748, em exibição na Biblioteca Real do Paço da Ribeira. Museu da Ciência da UC. Inv. 2019.14.1 Foto MCUC

25 Seguindo um sistema definido pelo Conde da Ericeira, Manuel Caetano de Sousa catalogaria as Biblias, Francisco Xavier Leitão a Filosofia e Medicina, o próprio Conde da Ericeira a Matemática e as Artes, o Marquês de Alegrete a Filologia e a Literatura e, finalmente, o Marquês de Abrantes a História. Cf. DELAFORCE 2019, p. 110.

Infelizmente, as “cotas” inscritas neste manuscrito não seguem nenhum critério temático discernível, nem nos parece que o seu significado seja evidente: o número extraordinário de 129 fólhos e 2 fólhos magnos todos “arrumados” sob a “cota” 1.A.30 impede que se possa pensar em A como sendo uma Estante e 1 como uma prateleira dela, ou vice-versa, já que esses 131 *in folios* ocupariam cerca de 6 metros de prateleira. Ou um pouco menos, se os volumes manuscritos ocuparem (como empiricamente verificamos) menos espaço do que os correspondentes impressos.

De uma forma geral, pode dizer-se que as letras A, B, C, D, F andam atribuídas<sup>26</sup> a volumes *in folio* e as letras E, G, H, I acolhem formatos diversos, desde o *in folio* até ao pequeno *in 8º*. Porque existe esta coerência entre as letras das “cotas” e os formatos dos volumes inventariados, elas remetiam certamente para localizações físicas, sejam estantes ou caixas<sup>27</sup>. Ver **Anexo 4**.

Uma confirmação de que estas sejam localizações topográficas, parece decorrer da ocorrência pontual de duas “cotas” de transição: 4.DE.30 (f. 107) e 7.BC.30 (f. 162), referidas a obras extensas que, muitas vezes, ainda nas bibliotecas de hoje, têm de passar de uma prateleira ou estante para a seguinte: com efeito, a primeira destas tem 24 volumes e a segunda 29, todos no formato *in folio*.



Esta “cota” de transição 4.DE.30 corresponde à “colocação” dos 24 volumes *in folio* da mesma obra (f. 107 do MS 1 018). Foto BGUC

26 Com exceção de 5 volumes *in quarto* em C.1.30.

27 Refere-se até documentação “em um embrulho” (f. 171).

Usando as métricas dos livros (impressos) mais ou menos contemporâneos do piso nobre da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, os 1 796 volumes registados no *Index* ocupariam cerca de 75 metros lineares de estantes. Certamente que este número não cobrirá a totalidade dos manuscritos que a Biblioteca Real albergava por 1738-1742.

### O que o *Index* inclui e não inclui

Para além dos volumes que se sabe terem sobrevivido fisicamente à destruição da biblioteca, ou porque foram salvos dos escombros ou porque andassem “por fora” por alguma razão, e daqueles que Diogo Barbosa Machado, que conhecia muito bem a Biblioteca Real, refere na *Bibliotheca Lusitana* como tendo aí existido, este volume (ainda que parcelar) é a melhor forma de nos apercebermos da extraordinária riqueza bibliográfica que se perdeu irremediavelmente com o terramoto de Lisboa.

Ana Isabel Buescu já tinha assinalado uma perda relevante, referida à f. 93 deste códice, a tradução da obra de Vergerio *De Ingeniis Moribus et Liberalibus Studiis* para português, por Vasco Fernandes de Lucena, de que hoje só conhecemos o Prólogo<sup>28</sup>.

De resto, a Biblioteca enchia-se de crónicas medievais originais, cópias e traduções de clássicos gregos e latinos, uma avalanche de documentação sobre S. Pedro de Roma (obsessão dos últimos anos de D. João V) e ainda de todos os originais das obras que o rei português encomendou (ou cuja impressão patrocinou) e que os autores eram compelidos a depositar “generosamente” na Biblioteca Real.

Alguns temas podem ser destacados: manuscritos de escritores clássicos, tais como Ovídio, Séneca e Aristóteles e trabalhos de escritores renascentistas, como a *Divina Commedia* de Dante Alighieri

---

28 BUESCU 2010, p. 65 e nota 61.

(1.B.30 na f. 6) ou a "*Primeira parte do Index da Livraria de Musica del Rey D. João 4º*" (3.E.30 na f. 89) podem ter feito parte da Biblioteca da Corte no Paço da Ribeira, antes de 1707, tendo entrado por herança. Outros manuscritos sugerem uma proveniência da coleção ducal da Casa de Bragança. Um grupo de manuscritos castelhanos, alguns listados em conjunto (f. 54), podem ter sido herdados do período dos Habsburgos espanhóis. Existem também as encomendas de D. João V, que podem ser confirmados documentalmente ou em fontes impressas contemporâneas, como a *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado.

Uma das primeiras entradas no *Index* é uma raridade que pode ter sido adquirida para a Biblioteca Real pelo diplomata D. Luís da Cunha, em Paris, nos primeiros anos de 1720s (antes de 1725). Referimo-nos à tradução do *De Casibus Virorum Illustriorum* (1355-1360) do poeta florentino Giovanni Boccaccio para a língua francesa, com o título *Des Nobles Malheureux*. O manuscrito *in folio* é descrito como iluminado em pergaminho (A.30 na f. 3).

Um grupo de nove manuscritos *in folio* são relatos de conchaves papais sucessivos, desde 1605, alguns dos quais cópias diretas de originais da *Biblioteca Apostolica Vaticana*. Outros continham informação em Latim ou em Italiano sobre cada aspeto do Ritual, da Liturgia, Cerimonial e Música das basílicas e igrejas de Roma, antigas e modernas, como Latrão, mas sobretudo de S. Pedro e suas Capelas, na cidade do Vaticano. O pedido destes documentos foi feito pela Legação portuguesa em Roma e pode ligar-se às reformas da liturgia e cerimonial empreendidas por D. João V para adequar (a partir de 1718) a prática da sua igreja Patriarcal ao cerimonial da Basílica de S. Pedro.

A relevância e o número avultado de manuscritos sobre este assunto pode justificar porque é que o *Index dos Manuscriptos* passou para a *Academia Liturgica Pontificia*, uma instituição dedicada ao estudo da liturgia católica.

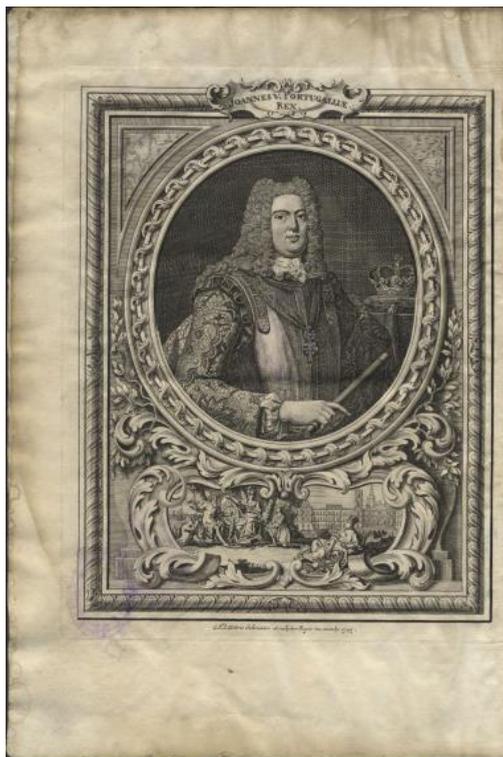
O *Index* inclui manuscritos italianos, franceses, espanhóis e portugueses sobre arte e arquitetura. Alguns deles encontravam-se encadernados em álbuns de mapas, de gravuras, de planos ou de perspectivas (em iluminuras ou em aguarelas) de várias basílicas, igrejas e respetivos altares, porém sem indicação de autorias.

Transcrevemos alguns exemplos com a grafia e a pontuação originais:

*Mémoire des pieces dans le volume qui compose l'autore d'Étienne Baudet fourny á l'Embassadeur de Portugal [Luís da Cunha] par Jean Mariette ce duze Juillet 1726 et autres memoires in fol.* (1.B.30 na f. 5). [É a única referência à *Mémoire* enviada por D. Luís da Cunha de Bruxelas para a Corte de Lisboa, em julho de 1726, e conservada na Biblioteca Real. Refere-se a um dos álbuns da extensa coleção de Estampas Francesas reunida para D. João V por Jean Mariette (d. 1742) e o seu filho Pierre-Jean Mariette (1694-1774). Este projeto é documentado pela correspondência trocada entre Luís da Cunha e o Secretário de Estado, que se estende entre julho de 1724 e novembro de 1728. Cada uma das estampas desse talentoso Étienne Baudet (1636-1711), gravador do Gabinete do Rei de França, ficara listada nestas notas manuscritas de Pierre-Jean<sup>29</sup>. A referência "*ce duze (douze) Juillet 1726*" faria parte do título do documento ou terá sido copiada de listagem/catálogo anterior? Cremos que não podem ser palavras do catalogador, o que daria um enquadramento cronológico a este rascunho muito diferente daquele que lhe temos atribuído].

*S. M. Fr. José | Diario Triumphal da Sagração da Igr[e]ja de Mafra* (2.G.2 na f. 10v). [Manuscrito de João de São José do Prado do "Monumento sacro da fabrica e solemniissima sagração da Santa Basilica do Real Convento de Mafra" que só seria publicado em Lisboa, em 1751, na oficina de Miguel Rodrigues, dedicado a D. João V e com gravuras de Michel Le Bouteux].

29 Cf. MANDROUX-FRANÇA 1996-2003. Vol. II, pp. 192, 204, 258, 338, 339, 344. vol III, pp 89-98.



Guilherme Francisco Lourenço Debrie, retrato de D. João V, datado de 1743, com representação da fachada do convento-palácio de Mafra. Cota J.F.-39-6-13. Foto BGUC

*Livro de pint[ur]a de hua Basilica de Roma do anno de 1739* (2.B.30 na f. 46).

*S. Joseph (Fr. Luiz de) | Collecção de plantas e prespectivas de varias povoações das Provincias de Minho e Beira, in fol.* (3.A.30 na f. 170). [Um manuscrito iluminado, "Cidades e Villas de Provincia da Beira e Minho" (1726), em duas partes, foi encomendado por D. João V ao pintor cisterciense Padre Luís de S. José<sup>30</sup>].

*Relação dos Creados del Rey de Gram Bretanha, q vestem a sua libre, das suas obrigações e sellarios, in quarto* (2.I.30 na f. 78). [O manuscrito ilustrado foi encomendado em Londres, em 1724, pelo diplomata António Galvão de Castelo Branco e documenta o interesse de D.

30 Cf. SILVA 1750, p. 282.

João V pela corte inglesa. O pedido do rei era de informações sobre as librés usadas na corte do rei hanoveriano Jorge I, com detalhes sobre deveres e salários dos criados<sup>31</sup>].

Nele não figuram os manuscritos das vultosas coleções adquiridas por D. João V no norte da Europa, nem os da biblioteca Sunderland, comprada em Londres (1723-1725)<sup>32</sup>. Desde o início, de acordo com as instruções do Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte-Real (1658-1736), cada uma destas compras era despachada para Lisboa já acompanhada de um inventário, compilado depois da sua efetiva compra ou do leilão.

### (In)conclusões

O objetivo deste artigo foi dar publicidade a uma fonte que nos parece de extraordinária importância. Ambicionávamos poder determinar os autores e as circunstâncias em que o códice foi produzido, mas cremos que tal não é possível, de momento. Falta ainda muita informação sobre os bibliotecários que trabalharam ao serviço de D. João V, na sua Biblioteca Real.

No estado atual dos nossos conhecimentos, poucas são as conclusões possíveis: Sabemos que o *Index* é, até agora, uma fonte única, sem paralelo. Sabemos que apontamentos (semelhantes?) do catálogo dos livros impressos também vieram para Coimbra e aqui se conservavam por volta de 1920. Sabemos que foi o resultado de um trabalho metódico, coletivo e bem organizado de inventariação dos manuscritos da Biblioteca Real. Sabemos que, talvez porque fosse um mero borrão entretanto copiado para inventário ou catálogo mais definitivo (não se concebe que o catálogo final da Biblioteca Real pudesse ter sido executado em dimensões tão modestas), veio para Coimbra e, por isso, sobreviveu ao desastre de 1755.

31 DELAFORCE 2019, p. 180.

32 DELAFORCE 2019, chapter 7, pp. 165-187.

Como possíveis “*pessoas de interesse*” em relação a este manuscrito, elencaríamos as seguintes:

O Padre José Caetano de Almeida, C.R., foi bibliotecário real pelo menos desde o ano de 1712 e terá permanecido nesse posto até ao desastre de 1755. Dado o seu longo e íntimo conhecimento da Biblioteca, pode ter sido ele que procurou e salvou dos escombros do Torreão do Paço aqueles volumes e álbuns de gravuras que dela sobreviveram<sup>33</sup>. Não se conhecem elementos biográficos sobre ele, mas é registado, em 1756, como “primeiro bibliothecario” na temporária biblioteca real da Ajuda. Como dissemos acima, ter-se-á conservado em Coimbra, até à segunda década do século XX, um catálogo (ou borrão?) da sua mão referente aos impressos da Biblioteca Real, que J. M. Teixeira de Carvalho ainda conheceu e de que não temos, infelizmente, qualquer outra notícia.

Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Homem (1693-1743) foi um dos fundadores da Academia Real da História Portuguesa, era poliglota e foi bibliotecário da Real Biblioteca (com algumas interrupções), entre 1722 e 1733. Era um organizador-nato e temos o seu relato de como pôs em ordem os papeis da administração de Minas Gerais (Brasil), entre 1734 e 1738<sup>34</sup>. Contudo, não temos notícias da sua atividade na biblioteca nos anos a que atribuímos a produção do códice (1738-1742), quando estaria ocupado como conselheiro do

---

33 Sobre este assunto ver DELAFORCE 2019, pp. 129, 196-198.

34 Pela sua curiosidade, não resistimos a transcrever a descrição desses trabalhos: “*Guardavão-se os Libros e papeis da Secretaria amentuados [sic], a hum Canto da Caza do Secretario sem clareza algúa, destinou-se para Secretaria hum quarto desta Caza com Estantes e Almarios em que se puzerão os Livros, e papeis devididos em massas, e numerados de que se formou hum inventário, que contem destintamente a substancia de todas as ordens, e documentos, para com facilidade se poderem achar, e por este mui facilmente, se podem informar os Governadores de todas as ordéns que há sobre qualquer matéria...*” (Carta de Martinho de Mendonça para D. João V, sobre a ocupação do cargo de Secretario do governo de Minas, de 03/08/1736. In SISDOC. *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: documentos manuscritos avulsos da capitania de Minas Gerais do Arquivo do Conselho Ultramarino*. Belo Horizonte: APM, 2003. cx. 32, doc. 31). Sobre este tema, ver CAVALCANTI 2010, p. 249-253.

Conselho Ultramarino. No final da vida, também esteve envolvido na organização dos “Papeis do Brasil” guardados na Torre do Tombo<sup>35</sup>, de que era o Guarda-mór, desde 1742. Morreria em março do ano seguinte “*de huma dilatada doença*”, segundo informa a “Gazeta de Lisboa”<sup>36</sup>.

O Padre Manuel de Azevedo, S.J. (1713-1796), natural de Coimbra, foi professor no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, e em Évora. Foi para Roma em 1742, onde se tornará próximo de Bento XIV e compilador/editor dos escritos do Papa. Em Roma, Manuel de Azevedo dá também um contributo decisivo para a *Schola Sacrorum Rituum* do Collegio Romano, fundada por Bento XIV, em 1740. É de Roma que sugere para Coimbra ao bispo D. Miguel da Anunciação a criação de uma Academia Litúrgica Pontifícia. As duas Academias estarão próximas na história da constituição da Liturgia enquanto disciplina universitária, por terem em comum o seu objeto de estudo (os Sagrados Ritos) e o nome de Manuel de Azevedo<sup>37</sup>. Ignora-se a extensão exata dos seus esforços na obtenção para Portugal da longa série de sucessos diplomáticos junto da Santa Sé, nos anos finais do reinado de D. João V. Contudo, a sua influência não podia deixar de ser muito grande, sendo certo que foi afastado de Roma para Veneza, ao tempo do Marquês de Pombal. No *Catálogo do Anexo 3*, figura como sócio da Academia o cisterciense Francisco de Azevedo, mas nenhum dos seus outros irmãos de sangue, ambos cónegos regantes em Santa Cruz de Coimbra, teria feito parte dos 50 fundadores.

O Doutor Lázaro Leitão Aranha (ca.1678-ca.1767), da Universidade de Coimbra, foi o secretário régio da embaixada extraordinária do Marquês de Abrantes a Roma e um dos introdutores em Portugal das práticas culturais e cerimoniais “à romana”. Foi Cónego (desde 1717) e “Principal” da Patriarcal de Lisboa e seu Mestre-Escola, colecionador de arte e amante de música, organizador de saraus e de espetáculos;

---

35 CAVALCANTI 2010, p. 187.

36 CARVALHO 1963, pp. 11, 23-25.

37 CABECINHAS 2018, pp. 113-133.

sabemos que remetia manuscritos para a Biblioteca Real, na convicção de que esse seria o lugar onde se conservariam com mais segurança e com a discrição necessária no que pudesse tocar às matérias mais sensíveis, políticas ou diplomáticas<sup>38</sup>. Seria também um bom organizador que, como membro da Mesa da Consciência e Ordens, pôs em ordem os materiais do Arquivo dessa Mesa, a partir de 1718.

Quando o livro *The Lost Library of the King of Portugal* foi apresentado, em Lisboa, em novembro de 2019, o professor António Filipe Pimentel sugeriu dois outros nomes de “*persons of interest*” com possível relação a este manuscrito, os de Marco António de Azevedo Coutinho (1688-1750) e de D. Gaspar de Moscoso e Silva (1685-1752), que viria a professar como Gaspar da Encarnação, O.F.M., nomes que aqui gostosamente registamos, mas em relação a qualquer um deles pouco podemos concluir, de momento.

Resta-nos assegurar que, da parte da BGUC, poderão os utilizadores esperar uma rápida digitalização e disponibilização em linha desta fonte relevantíssima.

## Bibliografia

- BUESCU, Ana Isabel - *Na Corte dos Reis de Portugal : Saberes, Ritos e Memórias : Estudos sobre o Século XVI*. [1ª ed.]. Lisboa : Colibri, 2010. ISBN-13: 978-989-689-023-0.
- CABECINHAS, Carlos - *A Ciência Litúrgica como Disciplina Universitária : Manuel de Azevedo e as Primeiras Cátedras de Ciência Litúrgica*. [Palheira] : Gráfica de Coimbra 2, [2009]. ISBN: 978-972-603-490-2.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de - *A Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra : Estudos dos seus Catálogos, Livros de Música e Coro, Incunábulos, Raridades Bibliográficas, Ex-libris e Curiosidades históricas*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921.
- CARVALHO, Joaquim Martins de - *Apontamentos para a Historia Contemporanea*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.
- CARVALHO, Rómulo de - *Apontamentos sobre Martinho de Mendonça de Pina e Proença (1693-1743)*. Lisboa : [s.n., 1963?]. Sep. de: “Ocidente”, 65, 1963.

---

38 Sobre este assunto, ver DELAFORCE 2019, pp. 191-192.

- CAVALCANTI, Irenilda Reinalda Barreto de Rangel Moreira - *O Comissário Real Martinho de Mendonça: Práticas Administrativas Portuguesas na Primeira Metade do Século XVIII*. Niterói : [s.n.], 2010. Tese Doutoramento na Univ. Fed. Fluminense.
- DELAFORCE, Angela - *Art and Patronage in Eighteenth-Century Portugal*. Cambridge University Press, 2002. ISBN-13: 978-0521571302.
- DELAFORCE, Angela - *The Lost Library of the King of Portugal*. [London] : Ad Ilissvm ; Paul Holberton Publishing, 2019. ISBN-13: 978-1-912168-15-6.
- FATTORI, Maria Teresa - Lambertini's Treatises and the Cultural Project of Benedict XIV : Two Sides of the Same Policy". In Messbarger, Rebecca, et al., ed. - *Benedict XIV and the Enlightenment, Art, Science and Spirituality*. Toronto : Buffalo : London : University of Toronto Press, 2016, p. 255-275.
- LAMAS, Artur - *A Casa-Nobre de Lazaro Leitão no Sítio da Junqueira*. [S.l. : Ed. do Aut.], 1925 (Lisboa : Imprensa Lucas & C<sup>a</sup>).
- LAMBERTINI, Prospero - *De Sacrosancto Missae sacrificio, Libri tres*. Editio secunda latina post plurimas italas, auctior et castigatior, ad usum Academiae Liturgicae Conimbricensis. Romae : excudebant Nicolaus et Marcus Palarini, 1748.
- MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica ... Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-[1759]*. 4 vol.
- MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse & Maxime Préaud - *Catalogues de la Collection d'Estampes de Jean V, Roi de Portugal par Pierre-Jean Mariette*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. Paris : Bibliothèque Nationale de France, 1996-2003. 3 vol.
- MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e - *O Papel como Elemento de Identificação*. Lisboa : Of. Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.
- MENESES, Francisco Xavier de - *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes 4º conde da Ericeira (1731-1733)*. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1943. Sep. de: "Biblos", v. 18, t. 2.
- MORELLI, Emilia, ed. - *Le Lettere di Benedetto XIV al Cardinal de Tencin*. Vol.II : 1748-1752. Rome : Ediz.di Storia e Letteratura, 1965.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos - *Marcas de Água : Séculos XIV-XIX : Coleção TECNICELPA*. [Santa Maria da Feira] : TECNICELPA - Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2015.
- SILVA, Francisco Xavier da - *Elogio Funebre, e Historico do Muito Alto, Poderoso, Augusto, Pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V...* Lisboa : na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1750.

## Anexo 1

| Cadernos | Mãos  | Papeis |
|----------|-------|--------|
| 1        | A e B | 1      |
| 2        | A     | 1      |
| 3        | A     | 1      |
| 4        | A     | 1      |
| 5        | A     | 2      |
| 6        | A     | 2      |
| 7        | A     | 2      |
| 8        | A     | 2      |
| 9        | A     | 2      |
| 10       | C     | 3      |
| 11       | C     | 3      |
| 12       | C     | 3      |
| 13       | C     | 3      |
| 14       | C     | 3      |
| 15       | C     | 3      |
| 16       | C     | 3      |
| 17       | C     | 3      |
| 18       | D     | 4      |

### Descrição dos papéis do MS 1 018:

#### **Papel 1 - Fabrico italiano dos papeleiros *Polleri*, executado para o mercado português.**

(variantes 1A, 1B, 1C e 1D)

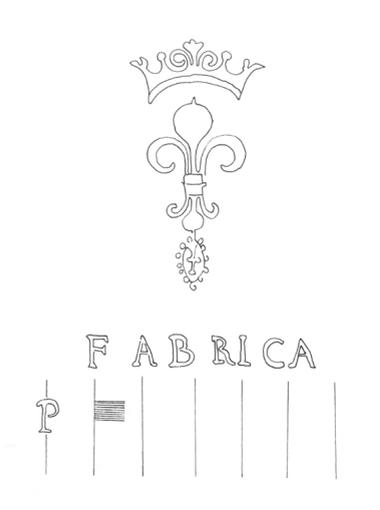
Legenda: FABRICA NOVA

Escudo das armas portuguesas (com 3 quinas apenas), coroadado.

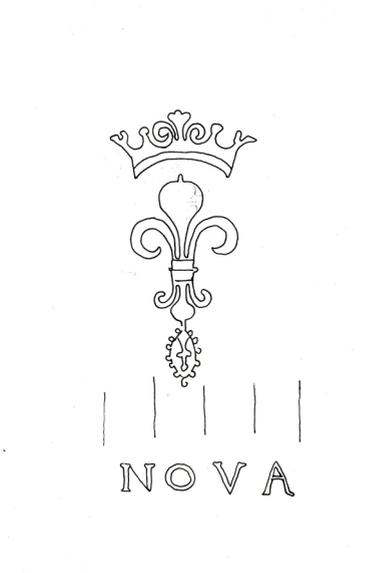
Flor-de-lis coroadado, com pendente medalha.

Flor-de-lis coroadado, com pendente Cruz de Malta. Cf. ex. semelhante usado em 1749 (MELO 1926, nº 163).

Contramarca de canto com letra P, alusiva à família Polleri.



1A



1B



1C



1D



**Papel 2 - Fabrico italiano, de Vorno, cidade de Lucca.**

(variantes 2A, 2B, 2C e 2D)

Escudo com legenda "LIBERTAS" posta em banda, coroad e suportado por palmas. Sob o escudo a palavra "VORNO", localidade onde se situava a fábrica. Uma análise das 4 147 marcas ilustradas

na col. Tecnicelpa (onde não existe um paralelo exato) revelou que papeis com estas características foram fabricados durante um período extremamente longo (sécs. 16 a 19).

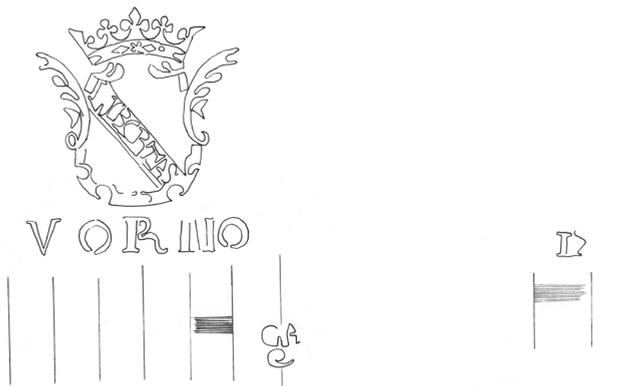
Contramarca formada pelas letras GAQ dispostas em triângulo, correspondentes às iniciais do fabricante. Cf. col. Tecnicelpa, ref. 2722, cota MJ 311a, atribuído a 1735.

Flor-de-lis coroada, com pendente Cruz de Malta. Iniciais GC.

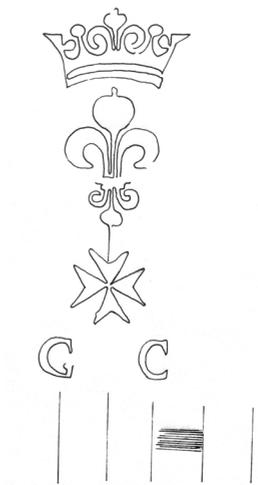
Contramarca de canto com "I" maiúsculo, seguido de um "S".



**2A**



**2B**



2C

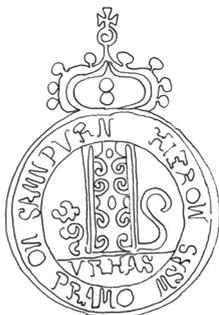


2D

**Papel 3 – Fabrico não identificado.**

(sem variantes nem contramarcas)

Escudo circular, coroado (coroa imperial), com uma pala adamascada ao centro, as palas exteriores decoradas com enrolamentos vegetais e um "S", bordadura com legenda ilegível. Legenda VRHAS em exergo.



## 3

**Papel 4 - Fabrico não identificado.**

(sem variantes)

Marca de água de 3 chapéus.

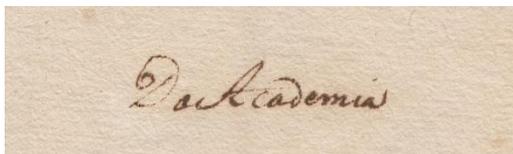
Contramarca flor-de-lis estilizada com iniciais VC.



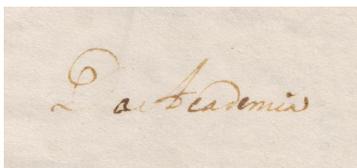
## 4

## Anexo 2

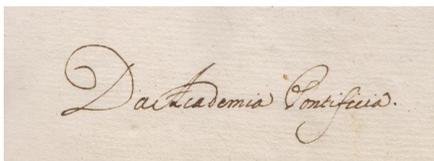
### Marcas de posse manuscritas da Academia Litúrgica Conimbricense:



Ms. 1 018



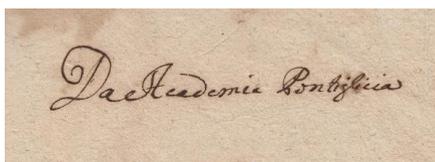
Ms. 640



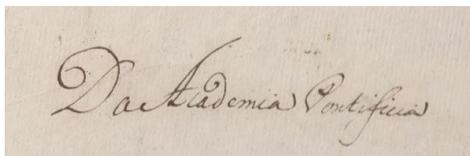
Ms. 632



J.F.-42-3-1



J.F.-42-3-2



J.F.-66-6-14

## Anexo 3

Transcrição na grafia original

CATALOGO

DOS

SOCIOS

D'ACADEMIA LITURGICA PONTIFICIA

Dos Sagrados Ritos, e Historia Ecclesiastica, que  
instituiu no Real Mosteiro de S. Cruz de Coimbra

O SANCTISSIMO PADRE

BENEDICTO XIV.

EM NOME DE SUA SANCTIDADE

DIRECTOR

O Prior Geral dos Conegos Regrantes Lateranenses, Cancellario da Universidade de  
Coimbra.

LENTE DOS SAGRADOS RITOS

O P. D. Bernardo d'Annunção, Conego Regular, Doutor em Theologia pela Univer-  
sidade de Coimbra, Censor Nato d'Academia Liturgica Pontificia.

LENTE DE HISTORIA ECCLESIASTICA.

O P. D. Thomas da Encarnação, Conego Regular, Doutor em Theologia pela Universidade  
de Coimbra, Censor Nato d'Academia Liturgica Pontificia.

SECRETARIO.

O P. D. Joseph de N. S. da Porta, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade  
de Coimbra, Socio Nato da Academia Liturgica Pontificia.

SOCIOS.

Antonio Bernardo d'Almeida, Conego Doutral da Guarda, Lente de Vespera dos Sa-  
grados Canones, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.

O P. Fr. Antonio Caldeira, Monge de Cister, Chronista Mor do Reyno, Dr. em Theologia  
pela Universidade de Coimbra.

O P. D. Antonio d'Annunção, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade  
de Coimbra.

/2/

O P. D. Antonio da Madre de Deos, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Univer-  
sidade de Coimbra.

Antonio de Saldanha e Albuquerque, Academico d'Academia Real da Historia Por-  
tugueza.

Ayres de Sá e Mello.

- O P. Fr. Bernardino de S. Rosa, da Ordem dos Prêgadores, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Bernardo Antonio do Valle, Carmelita, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. D. Carlos d'Anunciação, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Diogo Barbosa Machado, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. Fr. Diogo de Jesus, Monge de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Estacio d'Almeida, da Congregação do Oratorio, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. D. Estevão d'Anunciação, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- OP. D. Fernando da Encarnação, Conego Regular.
- O P. Fr. Francisco d'Azevedo, Monge de Cister, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. D. Francisco de N. Senhora, Conego Regular.
- O P. Fr. Francisco de Sá, Monge de Cister, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Francisco Ferraz, da Ordem de Christo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Francisco Valesio, Carmelita, Lente d'Escritura na Universidade de Coimbra, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.
- Gonçalo Xavier d'Alcaçova, Censor d'Academia Real de Historia Portugueza.
- O P. Fr. Henrique dos Serafins, Monge de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Ignacio Barbosa Machado, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. João Baptista, da Congregação do Oratorio.
- João Col, da Congregação do Oratorio, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- D. João d'Almeida, Marquez d'Alorna.
- D. João de N. Senhora da Porta, Conego Regular, Bispo de Leyria.
- D. João Joseph Ausberto de Noronha, Conde de S. Lourenço, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- /3/
- O P. Fr. Joachim de S. Anna, Eremita de S. Paulo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Joachim Joseph Leitão e Sousa.

- O P. Fr. Joseph Caetano, Carmelita, Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra.  
Joseph Correa de Mello e Brito.
- O P. Fr. Joseph da Trindade, Agostinho Descalço, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, Desembargador da Supplicação, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- Joseph de Sá e Menezes, Doutor em Sagrados canones.
- O P. Fr. Joseph de S. Rita, Eremita de S. Agostinho, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Manoel de S. Bernardo, Ex-Geral dos Conegos Seculares de S. João Euangelista. Lente de Theologia na Universidade de Coimbra.
- O P. D. Manoel da Encarnação, Conego Regular, Dr. nos Sagrados Canones.  
Manoel Ferreyra d'Amorim, Conego Doutoral de Vizeu, Lente de Vesera de Leys.
- Manoel Pereira da Silva, Desembargador da Relação do Porto. Lente d'Instituta, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.
- Manoel Telles da Silva, Conde deVillar-Mayor, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- Martim Correa de Sá, Vis-Conde d'Asseca, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- D. Miguel d'Annuniação, Conego Regular, Bispo Conde.
- O P. Fr. Paulo de S. Mauro, Monge de S. Bento, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Pedro Ignacio Miraflor, da Congregação da Missão.  
Pedro Joseph da Silva Botelho.
- O P. Fr. Salvador Correa, Ex-Geral dos Monges de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. Theodoro d'Almeida, da Congregação do Oratorio.
- O P. D. Thomas Caetano do Bem, clérigo Regular, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.

## Anexo 4

### As “cotas” da Biblioteca Real, segundo o MS 1 018:

|    | 1                      | 2                          | 3             | 4                          | 5                          | 6            | 7             |
|----|------------------------|----------------------------|---------------|----------------------------|----------------------------|--------------|---------------|
| A  | F. 129<br>F.Magno<br>2 | F. 4                       | F. 4          |                            |                            |              |               |
| B  | F.21                   | F. 35                      | F.50          | F.23                       | F. 15                      | F. 26        | F. 6          |
| BC |                        |                            |               |                            |                            |              | F. 29         |
| C  | F. 35/36<br>* 4º 5     | F. 25/27                   | F. 21         | F. 25/27                   | F. 21                      | F. 19        | F. 13         |
| D  | F. 34                  | F. 39                      | F. 30         |                            | F. 22                      | F. 23        | F. 26         |
| DE |                        |                            |               | F. 24                      |                            |              |               |
| E  | F. 55<br>4º 1<br>8º 9  | F. 63<br>F.Parvo 1         | F. 42<br>4º 3 | F. 18                      | F. 28<br>4ºMagno 24        | F. 24        | F. 21         |
| F  | F. 1                   |                            | F. 2          | F. 24                      | F. 14                      | F. 44        | F. 28         |
| G  | 8º 32                  | 4ºMagno 4<br>4º 54         | 4º 55         | 4º 55                      | 4º 43<br>8ºMagno 1<br>8º 2 | 4º 8<br>8º 7 | F. 37<br>4º 6 |
| H  | 4º 33                  | F. 1<br>4ºMagno 1<br>4º 30 | F. 29         | F. 18<br>4º 4              | F. 22                      | F. 30        | F. 26         |
| I  | 4º 49                  | F. 1<br>4º 35              | F. 24         | F. 38<br>4ºMagno 1<br>4º 3 | F. 5<br>4º 21?             | 4º 10        |               |

Legenda: F. *In folio* 4º *In quarto* 8º *In octavo*\* Erro?

(Página deixada propositadamente em branco)